

Sen. Sarney diz que críticas da Oposição são irreais

BRASILIA (O GLOBO) — Em discurso de mais de uma hora que serviu para reabrir o debate das questões políticas no Congresso e contribuiu para desanuviar os espíritos dos parlamentares, o vice-líder arcebispo José Sarney (MA) afirmou ontem que as críticas do MDB contra o regime "pecam pelo irrealismo".

— Estamos num processo de transição revolucionária, com o poder revolucionário afirmando que deseja continuar, não cabendo, portanto, à Oposição julgar sua determinação, a não ser que o derrube pela força, o que não será jamais uma atitude nem sensata nem viável — disse o senador.

Para Sarney, "os que desejam a destruição do Governo estão a serviço do caos e, como jamais se permitirá que isso aconteça, o resultado inglório e impatriótico dessa atitude, tem pesado sobre os ombros dos verdadeiros democratas, que vêem os seus esforços para a construção de uma verdadeira sociedade democrática, retardados, preteridos pela necessidade de evitar que o poder constituído seja abalado pela desordem".

— Essa visão parcial e passional — disse — tem tirado aos críticos do regime brasileiro uma parcela de racionalidade, uma perda cada vez maior da visão dos fatos e uma posição negativista que nada tem construído. Se a Oposição é necessária porque evita erros, fornece sugestões, abre caminhos, um balanço sobre a conduta da Oposição brasileira, nestes anos, aponta seu absoluto despreparo para atingir o que deveria ser o seu objetivo.

O fracasso da Oposição, segundo Sarney, reside em dois "equivocos básicos": "o desconhecimento da existência ainda bastante viva, do processo revolucionário, e um preconceito profundamente enganoso de que os problemas institucionais são os únicos que existem". Para ele, a Oposição sabe que existe o processo revolucionário, mas "suicidamente assume a conduta de ignorá-lo".

Fosso a ser vencido

Na opinião do vice-líder, "esse descompasso entre a necessidade de uma Oposição crítica, que é importante para o País, e a evidência de uma Oposição negativista, cons-

titui o fosso maior a ser vencido, para que voltemos ao caminho de avanços políticos acelerados".

Acentuou que "a Revolução tem os seus mecanismos de análise e autocritica, mas estes são sempre no âmbito interno e, portanto, fogem à luz do debate". Os mecanismos públicos para essa crítica "repousam, numa sociedade democrática, numa Oposição que assegure a discussão e correção estratégica dos modelos colocados em execução".

— Quando ela não existe — salientou — a decisão autoritária fica mais autoritária, e estabelece-se um ciclo vicioso que mais favorece ao erro, porque os erros não têm condições de serem discutidos ou dissecados.

Sarney disse que o impasse entre "a Oposição que é feita e a que o País deseja, é a fonte alimentadora de todos os grupos de pressão, interessados na manutenção do problema institucional no estado atual, daqueles que desejam a ditadura, ou daqueles que desejam a política da terra arrasada, pensando que através dela será possível destituir a Revolução".

Há só uma ordem

Refutando a afirmação do Senador Paulo Brossard (MDB-RS), de que existem no País duas ordens conflitantes, "que não são duas, nem são ordens, mas a desordem é uma só", o vice-líder da Arena frisou que esse "é um lamentável equívoco, pois existe no Brasil apenas uma ordem, que é a ordem constitucional revolucionária".

— Não há uma ordem constitucional e outra revolucionária. A própria ordem constitucional é uma ordem revolucionária. O Senador Paulo Brossard esquece o fato fundamental de todo o processo que é o estado de revolução implantado no País, a partir de 64, e não encerrado.

Assim, disse Sarney, o Presidente Geisel, "ao promulgar as recentes emendas constitucionais, não foi o constituinte solitário nem o usurpador de poderes que são atribuições de outros poderes". O Presidente, acrescentou, "usou dos poderes de que se investiu ao assumir a Presidência, como intérprete do processo revolucionário, e que lhe foram atribuídos pela Constituição, que também é um ato revolucionário, baseado,

portanto, na força que deflagrou o movimento de 64".

Para o vice-líder, o Presidente Geisel usou esses poderes "no interesse da Revolução, e nem seria possível que os usasse contra os interesses da Revolução".

— Que aqueles que combatem a Revolução achem que não foram beneficiados pelas providências adotadas pelo Presidente, é um direito que lhes assiste, mas não é um exercício de realismo político — acrescentou.

— É impossível — prosseguiu — desconhecer a problemática internacional, com a subversão e o terrorismo, e fugir das pressões que esses fatos exercem sobre o Brasil. A formulação de uma política de defesa dos nossos interesses é o que importa nesse momento. Temos que pagar para isso, mesmo que o preço cobrado seja, pelo seu vulto, esmagador.

Nesse ponto, disse o Senador maranhense, é que está "a responsabilidade das Forças Armadas, em particular, e da Revolução como um todo, visando a preservação desses objetivos de ordem". Para ele, "esta é a grande bandeira da Revolução, pois a democracia meramente política que existia no País, levou-o ao caos, à desintegração da sociedade, à anarquia partidária e à pobreza irreversível da Nação".

Não haverá recuo

Ressaltando que falava em nome "da maioria do povo brasileiro", Sarney disse: "Não podemos e nem devemos recuar um milímetro do nosso dever de, mesmo que de baixo de dificuldades e incompreensões, cumprir com a nossa árdua missão, de dar a cobertura política de que o Governo necessita para cumprir sua tarefa, e de repelir todas as tentativas para perturbação das tarefas normais de governo."

— Nós temos — afirmou — um compromisso com a democracia, com as tradições de liberdade do povo brasileiro, e cumpriremos essa tarefa, mas não será a Oposição confrontadora quem nos dirá como fazer ou quando fazer. Devemos advertir, inclusive, que não sabemos para onde a Oposi-

ção quer levar o País, se à ditadura ou à radicalização.

O vice-líder arenista disse, ainda, que "não será permitido que o País possa retroceder nos seus objetivos de melhoria política". Em sua opinião, "a democracia não floresce no terror das confrontações nem ao refletir de impropérios, nem como um milagre de laboratório ou subproduto do apocalipse".

— Ela é — prosseguiu — obra de geração, de persistência, de amor, de renúncias, sacrifícios. Um gesto de paixão pode fazê-la murchar. Essa é uma atitude dos idealistas perdidos em utopias.

Entretanto, lembrou, "há ainda os que desejam o caos, o dilúvio, a desordem, para serem usufrutuários das tempestades, mas eles não conseguirão fazer isso com o Brasil, pois o seu povo não o permitirá". Para essa missão, acrescentou, "de defender o País e mantê-lo no caminho do desenvolvimento político, social e econômico, está o Presidente da República, e a seu lado a maioria da Nação".

— O império que existe no Brasil — concluiu José Sarney — é o império do trabalho, e o desejo de implantar uma grande democracia neste grande País.

Resposta de Brossard

Em resposta ao discurso de Sarney, o Senador Paulo Brossard afirmou: "O regime de exceção não passa de um regime de exceção, e ainda não encontrei motivos para aplaudir, ainda não encontrei razão para servi-lo, continuando com a minha fé antiga: fé na democracia".

Para o oposicionista, o vice-líder da Arena "nem direta nem indiretamente" enfrentou as proposições feitas em seus discursos anteriores.

A respeito da posição de Sarney, de que "é irrealismo lutar contra um regime de exceção", Paulo Brossard afirmou que, de acordo com esse ponto de vista, os brasileiros deveriam ter se conformado com o Estado Novo, "e não cair no irrealismo em que cai o Senador Magalhães Pinto ao assinar o célebre Manifesto dos Mineiros".